

A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Suplemento Especial

ANO 64 — VI FASE — Nº 14 — DE 9 A 23 DE MARÇO DE 1989

Foto: Edson Ruiz



O 1º Congresso da Corrente Sindical Classista foi um acontecimento histórico no movimento sindical brasileiro

I CONGRESSO NACIONAL DA CSC

“A realização do I Congresso da Corrente Sindical Classista foi uma grande vitória do sindicalismo classista e independente.” Esta foi a avaliação unânime do secretariado nacional da CSC — composto por 18 membros e encabeçado por Sérgio Barroso — eleito na plenária no final do evento, ocorrido dias 24, 25 e 26 de fevereiro, no campus da UFRJ.

A importância e representatividade do congresso pode ser medida através do número de participantes, 2.563, e das entidades sindicais presentes, 703. No decorrer dos trabalhos, os congressistas aprovaram a constituição de uma frente única entre a corrente e a CUT e um plano de mobilização para a greve geral dos dias 14 e 15.

Enquanto no plenário reuniam-se delegações de sindicalistas de todos os Estados brasileiros, a mesa que abriu o encontro, dia 24, foi formada por membros da coordenação nacional da CSC, personalidades democráticas, lideranças de outras correntes sindicais e dirigentes de partidos políticos progressistas.

Entre outros, estavam o reitor da UFRJ e anfitrião do congresso, Horácio Macedo; o presidente da CUT, Jair Meneguelli; o presidente da Contag, José Francisco; o presidente do PCdoB, João Amazonas; o presidente do PSB, senador Jamil Hadadd; o representante da direção nacional do PT, Jorge Bittar; o deputado Fernando Lo-

pes, do PDT-RJ; a deputada Moema Santiago, do PSDB e o deputado Paulo Ramos, do PMN.

O sindicalista Sérgio Barroso descartou a possibilidade de criação de uma nova central, argumentando que “somente com a unidade mais ampla do movimento resgataremos o papel histórico do proletariado no movimento operário e sindical”.

O reitor da UFRJ, Horácio de Macedo Cintra, denunciou o caráter reacionário das universidades brasileiras e salientou que o governo Sarney é “espúrio, promove a miséria e entrega o país ao capital estrangeiro”. Classificou o congresso da corrente como “um fato histórico”, em função de ter sido realizado na UFRJ.

Jair Meneguelli ficou emocionado com a vibrante saudação que recebeu dos congressistas em nome da unidade do movimento sindical brasileiro. O presidente da CUT afirmou que seria uma catástrofe a formação de uma nova central sindical e convidou os partidários da CSC a ingressar na CUT, ressaltando que “são bastante representativos e ajudariam a corrigir os possíveis erros na condução da nossa central”.

O presidente da Contag, José Francisco, disse que a CUT, CSC e Contag “devem procurar um caminho que mude os rumos da política do país”, ressaltando a necessidade de fortalecer a preparação da greve geral dias

14 e 15. “Os trabalhadores do campo também vão parar”, prometeu.

O presidente do PCdoB, também muito aplaudido, avaliou o congresso como “a iniciativa política mais importante depois da resposta popular nas urnas, nas eleições municipais do ano passado. Este congresso colocou na ordem do dia a unidade das classes trabalhadoras”, enfatizou.

“A divisão das forças progressistas é uma tragédia que impede a liberdade do povo brasileiro”, opinou Amazonas. “Mas a realização deste encontro”, continuou, “reunindo correntes tão diversas, manifestando a mesma vontade, é o indicio do fortalecimento do sindicalismo livre e independente em nosso país”.

O presidente do PCdoB destacou a necessidade de unir as forças progressistas em torno de um candidato único das esquerdas já no primeiro turno da sucessão presidencial e disse que o movimento sindical não pode ficar alheio a esta articulação, pois tem importante papel a cumprir na formação da frente. E reafirmou o imenso significado do fortalecimento de uma corrente sindicalista e a conquista de um novo sistema social, do proletariado. (José Francisco — jornalista e colaboradora da “Classe Operária”).

COW
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

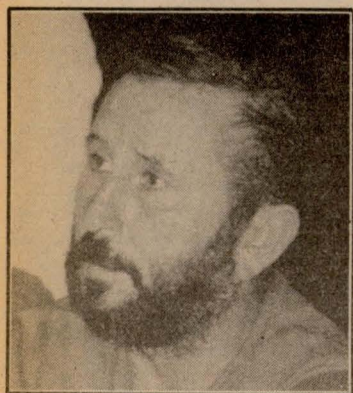
Falam os sindicalistas

Fotos: Edson Ruiz

Em entrevistas ao jornal Classe Operária, sindicalistas presentes ao 1º Congresso da Corrente Sindical Classista avaliam o significado do encontro, que superou a expectativa da maioria.

O congresso realmente surpreendeu. Não chegamos a pensar que seria tão abrangente. A força da Corrente Sindical Classista, agora, se impõe. Este congresso tem, inclusive, representatividade para, se quisesse, fundar uma outra central, tem representatividade e força para isto, pois não fica muito atrás de outros congressos realizados pela CUT ou pela CGT. Mas a intenção não é esta, o que é justo. No momento, o certo é batalhar pela unificação do movimento sindical em uma única central, não criar mais uma; é criar uma corrente classista sem fomentar a divisão. A partir de hoje a CSC é uma grande força em prol da luta pela unidade. Clóves Arruda, diretor do Sindicato dos Urbanitários de Pernambuco.

Eu acho que foi um encontro muito fraterno, com um elevado grau de unidade e sem que tenham aflorado grandes divergências ideológicas. Foi também um avanço da luta operária e camponesa, a gente vê que o nível político do congresso é grande. Nas discussões ficou claro que as classes dos trabalhadores estão avançando, e avançando na direção da unidade. A corrente veio numa hora muito oportuna para os que não estão atuando nem na CUT nem na CGT e não tinham espaços para expor suas idéias. Aparecido de Moraes, presidente do Conselho Fiscal do Sindicato dos Marceneiros de São Paulo.

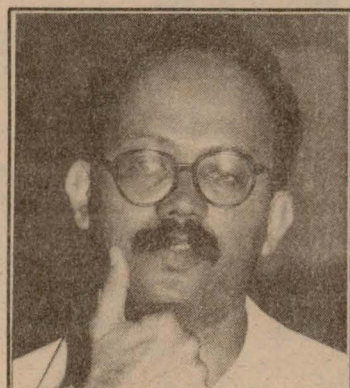


O congresso teve um êxito muito grande, o número de delegados e participantes foi muito expressivo e dá um novo ânimo à nossa luta, o fato de se ver nele sindicalistas de todos os Estados brasileiros é realmente animador. O encontro significou também um avanço da luta pela unidade orgânica do movimento sindical, coisa que eu acho fundamental. O fato da corrente ser classista, de assumir os interesses maiores dos operários e demais trabalhadores, dá a ela uma perspectiva presente e futura importante no combate ao capitalismo e na luta pelo socialismo. Augusto Cesar Petta, presidente do Sindicato dos Professores de Campinas.

Nós, camponeses, estamos gratificados, pois esta é a resposta que mais esperamos do movimento sindical brasileiro, uma corrente que luta pela aliança dos operários e camponeses contra o sistema de exploração e opressão capitalistas. Estamos construindo o sindicalismo que vai colocar o latifundiário e a burguesia contra a parede. Não é um sindicalismo de cúpula, mas está enraizado nas bases e se propõe também combater o peleguismo, este grande mal que ainda hoje corrói o sindicalismo brasileiro. Divino Goulart, presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais de Goiás.



O congresso mostrou que a Corrente Sindical Classista é uma força expressiva do movimento sindical brasileiro. As resoluções aprovadas estão em harmonia com a conjuntura do país e resultarão no crescimento da corrente, pois evidenciam a sua posição honesta e conseqüente na defesa da unidade sindical, no combate ao peleguismo da direção da CGT e do chamado sindicalismo de resultados, ao mesmo tempo em que propugnam a mais ampla unidade das forças progressistas já no primeiro turno das eleições presidenciais, assim como uma aliança prioritária com a CUT no plano sindical. Renildo de Souza, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia.

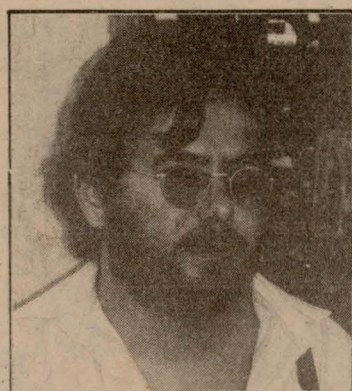


Foi um congresso maravilhoso. Marcharemos juntos com a Corrente Sindical Classista na greve geral dos dias 14 e 15. Rubens Fandino, presidente da Federação dos Urbanitários de São Paulo.

O congresso reuniu uma parcela ponderável do movimento sindical brasileiro, uma vitória que deve ser atribuída à força das idéias justas da corrente classista. Só não foi ainda maior em função das dificuldades financeiras e materiais. O Rio Grande do Sul, por exemplo, que foi representado por cerca de 100 entidades sindicais e 300 delegados, poderia ter participado tranqüilamente com 120 representações sindicais se a gente dispusesse de dinheiro suficiente. Pedro Pozenato, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul (RS).

O congresso ocorre num momento crítico da vida do país e joga papel fundamental na reunificação do movimento sindical, uma necessidade histórica, que é exigência de todos os trabalhadores brasileiros. Os jornalistas paraibanos, conscientes da necessidade de se colocar a luta econômica e política dos trabalhadores e do povo num patamar mais elevado, participam deste congresso com a certeza de que, unidos, conseguiremos construir a pátria de homens livres que tanto almejamos. Miguel Lucena, representante do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba.

O congresso foi realizado com grandes dificuldades materiais e financeiras. A corrente não contou com ajudas do exterior e quase não tinha recursos para investir no encontro. No entanto, ele foi vitorioso, representativo, contando com mais de 2 mil delegados. Isto prova que o sindicalismo brasileiro pode andar com as próprias pernas. Silvio Costa, vice-presidente da Fitee.



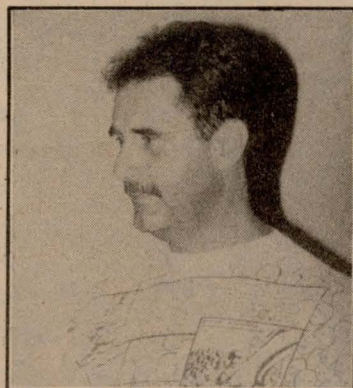
Foi um congresso de grandes debates, que ajuda a politizar e conscientizar os trabalhadores sobre seus objetivos no presente e no futuro das lutas sociais no país. Nos Estados acredito que agora as coordenações regionais da CSC saem fortalecidas e mais dispostas à luta. Reginaldo Lira, vice-presidente do Sindicato dos Bancários de Alagoas.

O congresso foi um sucesso estrondoso, que vai repercutir muito daqui para a frente. Foi um marco

importante na luta dos trabalhadores brasileiros também porque consolidou a corrente classista, que luta pelos objetivos mais avançados da classe operária, contra o capitalismo e em prol de uma sociedade socialista. Renato A. Nascimento, secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro.



Neste momento em que o país enfrenta uma grave crise e o movimento sindical precisa apontar soluções para a nação, a Corrente Sindical Classista se consolida como o setor mais avançado, classista, do sindicalismo brasileiro e lutando pela unidade. Ficou evidente a grande representatividade das categorias dentro da CSC, que reuniu trabalhadores de todos os Estados e territórios brasileiros. José Bitelli, diretor do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo.



O congresso tem uma enorme importância histórica e agora aponta para o avanço dos trabalhadores na luta e para a unificação do movimento sindical brasileiro, que é fundamental para os assalariados e mesmo para a conquista de uma nova sociedade. Alvaro Gomes, presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia.



O espírito de unidade, combatividade e democracia, que imperou no congresso, é prova incontestante de que a Corrente Sindical Classista será uma força decisiva no processo de unificação do sindicalismo brasileiro. Alirio Guerra, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do Rio Grande do Norte.

O encontro foi realizado num momento de particular importância para o movimento sindical, quando se prepara uma greve geral de dois dias contra o "plano verão" e a política econômica do governo Sarney. Ele se orienta também para o rumo da unificação do movimento sindical e, neste ano, para a união das forças progressistas nas eleições presidenciais. Jocely Oliveira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Cachoeiro de Itapemirim (ES).

A representatividade do congresso deixou-nos, a todos, bastante confiantes. As resoluções são extremamente conseqüentes e justas. Ficou patente a honestidade com que a corrente luta pela unidade sindical, contra o pluralismo e por um sindicalismo livre, autônomo e não partidário. Pedro Cardoso de Lima, presidente do Sindicato dos Securitários do Espírito Santo.

A CSC está de parabéns, o movimento sindical também, pois ganha de fato a alternativa para elevar o nível da luta e batalhar pela unidade. Em vários lugares, como em Pernambuco, de onde viemos representando 38 entidades, com 103 delegados, a mobilização foi grande e superou as mais otimistas expectativas. Ivanildo Lopes, diretor do Sindicato de Urbanitários de Pernambuco.

A Classe Operária

Jornalista Responsável:
João Amazonas
Editor
Umberto Martins

Divulgação e Arte
Mazé Leite
Endereço: Rua Adoniran
Barbosa, 53 Bela Vista —
São Paulo/SP

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Um grande êxito

Foto: Edson Ruiz

Ronald Freitas *

O primeiro congresso da corrente classista reuniu 2.563 delegados, representando mais de 700 entidades sindicais. É um fato que, por si só, já configura um êxito, potencializado, sem dúvidas, porque foi uma reunião altamente politizada, que discutiu as questões candentes da conjuntura nacional e, neste aspecto, teve como centro a sucessão presidencial deste ano. Debateu de forma aprofundada a situação do sindicalismo brasileiro hoje e mostrou-se um congresso de luta, constituindo um fórum de discussão e preparação do greve geral dos dias 14 e 15.

A CSC vai se integrar neste grande movimento nacional de construção de uma frente progressista que visa lançar um candidato único das esquerdas às eleições presidenciais. Isto evidencia a maturidade do debate político travado no congresso. A corrente compreendeu os avanços ocorridos nos últimos anos, seja do ponto de vista político, sindical ou popular, propiciados principalmente pelas eleições de 1988. Soube ver que estamos diante de uma oportunidade ímpar de vitória de um governo de esquerda. A CSC foi sensível e se posicionou corretamente.

Decisão importante

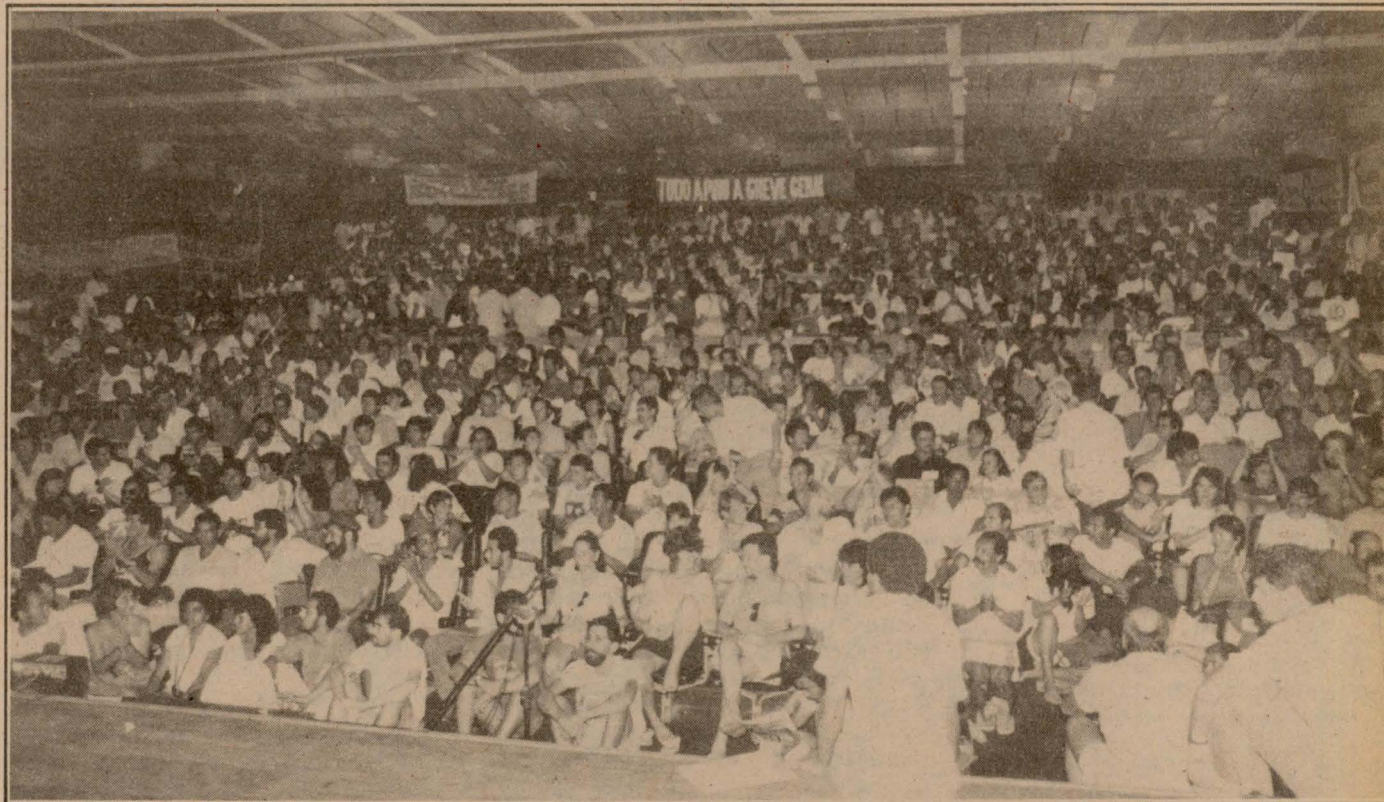
Sabemos que a constituição desta frente progressista não é tarefa simples. Por isto, a posição adotada pelo congresso da corrente ganha uma relevância maior. Ajuda a impulsionar e materializar o movimento das forças progressista nesta direção. Representantes de todos os partidos progressistas (PT, PSB, PSDB, PDT e PCdoB) estiveram na abertura do encontro.

Outro aspecto de grande destaque — uma vitória política do congresso — é a retomada da realização de congressos em torno das idéias de um sindicalismo classista, revolucionário. Desde a ascensão do revisionismo na União Soviética, década de 50, a corrente que representa os interesses do proletariado no movimento sindical procurava mecanismos e meios de se inserir mais firmemente no sindicalismo. O congresso é uma retomada deste processo de participação organizada dos sindicalistas que defendem as idéias avançadas da classe operária.

Deste ponto de vista, a importância do congresso extrapola em muito a própria presença de sindicatos e sindicalistas. Significa que se gesta no movimento sindical brasileiro, já com força expressiva, um instrumento essencial dos trabalhadores na luta por um novo regime social.

Unidade

Creio que o congresso encerra também um grande avanço da luta pela unificação do movimento sindical brasileiro. Constatando a falência e desor-



O congresso retoma as melhores tradições da classe operária. Ficou marcado pelo espírito de luta e total apoio à greve geral.

ganização da CGT — com a qual a CSC rompeu em definitivo — o encontro lançou uma proposta de frente única prioritária com a CUT, na qual procura o caminho que leve à unidade do movimento sindical, compreendendo que esta unidade deve se dar em torno de questões concretas, embora seu alcance ultrapasse os limites das lutas particulares, pois se busca construir uma unidade que capacite o movimento sindical a jogar um grande papel na superação da crise brasileira.

Neste sentido, a proposta de frente única prioritária com a CUT deve caminhar para a construção de fóruns comuns, capazes de levar o movimento sindical a uma atuação mais avançada e conseqüente, não reformista e nem conciliadora.

O congresso foi um fórum educativo. A intensidade dos debates, o aprofundamento das questões contribuíram, sem dúvidas, para o amadurecimento dos sindicalistas. O interesse dos delegados pelos debates foi notável. Evidentemente, por se tratar de um congresso para discutir posições de uma corrente, as discussões não giraram em torno de idéias antagônicas, o que possibilitou, isto sim, um entendimento mais profundo das questões em pauta.

A greve geral marcada para os dias 14 e 15 mereceu especial destaque nas discussões. O congresso compreendeu que a realização exitosa da greve é uma necessidade para o avanço da luta do povo e do movimento sindical, em especial. As dificuldades para a greve são inúmeras, porém a sua realização conta com a inteira disposição dos congressistas, os delegados ao encontro da CSC transformaram-se em ativistas da greve, o que constitui uma garantia de sua realização e será também fator de peso para o seu êxito.

*da Direção Nacional do PCdoB

O caminho da unidade

João Batista Lemos*

Historicamente, o proletariado tem na unidade de sua classe e do povo uma condição estratégica para fazer frente ao capital e derrotar o sistema de exploração e opressão. O instrumento apropriado para soldar tal unidade é o partido comunista, vanguarda esclarecida e organizada da classe operária, que tem seus objetivos táticos e estratégicos para a tomada do poder político e construção da nova sociedade socialista.

Sabe-se que uma política destinada a alcançar a unidade dos assalariados deve compreender o fortalecimento das organizações de massa, sobretudo os sindicatos. E estes precisam ser transformados de órgãos de colaboração de classes — inspirados pela velha estrutura sindical ou pelas idéias social-democratas — em verdadeiros instrumentos da luta de classes. Temos aí a grande tarefa do sindicalismo classista.

Caminho da unidade

O primeiro congresso da CSC deu passos importantes na direção desses objetivos. Demarcou campo com outras correntes e abriu caminho para imprimir ao sindicalismo brasileiro uma concepção classista e unitária. Neste momento, o caminho concreto que os sindicalistas encontram para avançar na unidade foi a resolução de frente única prioritária com a CUT e esta unidade, que começa a nascer, precisa ser cuidada e solidificada.

Isto significa que devemos colocar os interesses mais gerais e comuns do processo político em curso acima das divergências partidárias e ideológicas, ressaltando mais o que nos une do que as nossas diferenças, a fim de viabilizar concretamente esta política de frente única. Isto não

quer dizer adesão a teses contrárias às nossas, tampouco exige que abandonemos nossas idéias. Ao contrário, manter a independência é o que vai impulsionar a luta unitária e classista.

Não podemos é perder de vista que a política de frente é estabelecida de acordo com a correlação de forças existente, sendo imprescindível firmar e conquistar posições nos sindicatos e no movimento sindical para avançar. A questão que se coloca agora é como construir a frente única com a CUT na luta concreta, a começar pela greve geral — através de comandos unitários nas empresas, bairros, municípios, Estados e a nível nacional. Nas eleições sindicais, em campanhas salariais, pleitos para comissões de empresas, Cipas, etc.

Ao lado disto, diante da nova realidade sindical, com a liberdade e autonomia alcançadas, como estabelecer os pontos que unificam para ir quebrando na prática a velha estrutura sindical pelega e corporativa, agindo à luz das proposições do Centro de Estudos Sindicais?

A referência que sempre devemos ter é a do avanço da luta e maior unidade dos trabalhadores. Em cada Estado evidentemente poderemos nos confrontar com situações particulares e teremos de levar em conta as diferentes tendências existentes no seio da CUT. Conquistar a unidade é uma tarefa difícil, às vezes penosa, pois, não raro, nos deparamos com setores sectários e exclusivistas. Não obstante, é ao mesmo tempo uma tarefa essencial para o avanço das classes trabalhadoras. É uma tarefa ampla e poderosa do movimento sindical.

*da Direção Nacional do PCdoB

Nova concepção de sindicalismo

Divididos em três grupos, os trabalhadores que participaram do congresso discutiram intensamente durante o sábado, dia 25, os princípios que orientam a concepção do sindicalismo classista, os problemas políticos e econômicos da nação, a questão sindical e a greve geral marcada para os próximos dias 14 e 15. Com base neste debate, foram aprovadas, na plenária realizada no dia seguinte, 26, várias resoluções.

Ao se referir a "alguns princípios orientadores da ação do sindicalismo classista", o congresso salientou a necessidade de combater as idéias reformistas e burguesas, o economicismo e a presença do campo social democrata no movimento operário no quadro criado após a fundação das centrais sindicais existentes.

Socialismo

A defesa do sindicalismo classista compreende, conforme os congressistas, "a participação ativa nas lutas econômicas, salariais, por melhores condições de trabalho, tendo como diretriz a politização permanente dessas lutas" e como referência "os objetivos fundamentais do proletariado, de combate frontal à exploração capitalista e ao regime burguês, entendendo que só a liquidação do capitalismo de maneira radical abrirá caminho a uma nova sociedade, ao socialismo".

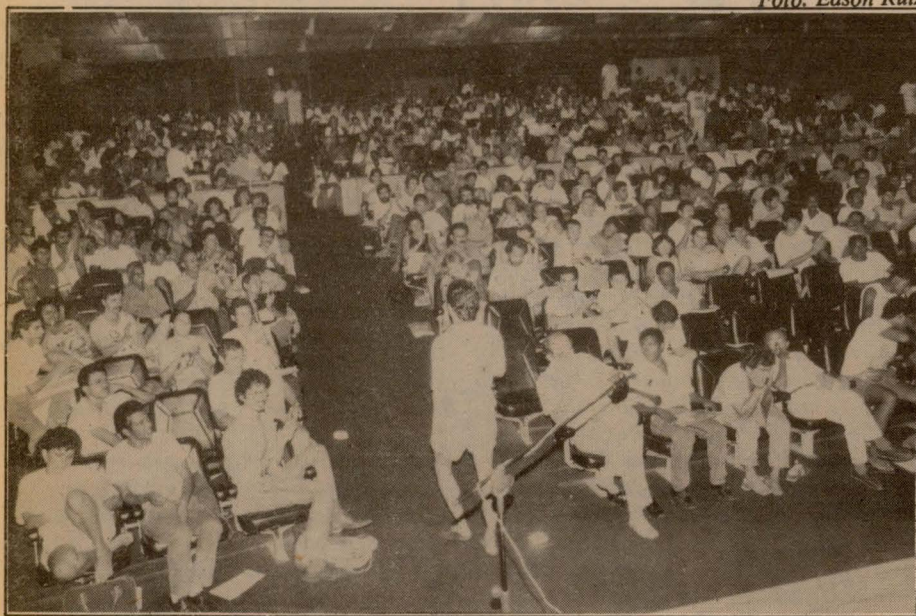
É destacada, igualmente, a luta "contra a dominação imperialista sobre nosso país e contra o latifúndio, considerando que estes são os dois principais obstáculos ao desenvolvimento econômico independente, ao progresso e à justiça social". A corrente defende "a liberdade e a autonomia do movimento sindical, contra a tutela ou interferência do Estado e dos patrões, um sindicalismo de massas com base na democracia sindical que não seja exclusivista, mas unitário e voltado para a organização independente dos trabalhadores a partir das bases".

Ainda no que tange ao sindicalismo a proposta aprovada na CSC prevê a luta pela construção de uma central sindical unitária, ampla, que represente o conjunto do sindicalismo de luta e auxilie no processo de elevação da consciência política dos trabalhadores urbanos e rurais. O relacionamento deste sindicalismo com o movimento sindical internacional deve ser independente e solidário, excluindo a vinculação orgânica às centrais mundiais existentes atualmente (FSM, Ciois e CMT), ao mesmo tempo em que apóia as lutas dos trabalhadores contra a exploração e opressão em qualquer parte do mundo.

Questão nacional

Sobre a questão nacional, o congres-

Foto: Edson Ruiz



Um dos grupos organizados pelo congresso: debate sobre os princípios classistas

Representação ampla na primeira diretoria

A nova direção nacional da CSC foi proposta ao plenário pelo presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Rio Grande do Sul, José Carlos Schulte. É um secretariado que, depois de submetido à aprovação dos congressistas, ficou composto da seguinte forma:

Sérgio Barroso (AL), secretário geral;
José Carlos Schulte (RS), secretário de organização nacional;
Nivaldo Santana (SP), secretário de finanças;
Edmundo Vieira (MG), secretário de imprensa e divulgação;
Divino Goulart (GO), secretário rural;
Renildo Souza (BA), secretário de relações intersindicais e formação.
Jorge Labordeti (RS), secretário de relações internacionais;
Maria José (BA), secretária de funcionalismo público;

Elza Maria Campos (PR), secretária da mulher trabalhadora;

Raimundo Moacir (PA), secretário regional Norte;

Álvaro Gomes (BA), secretário regional Nordeste I;

Aluizio Arruda (CE), secretário regional Nordeste II;

Pedro Pozenato (RS), secretário regional Sul I; Augusto Cesar Petta (SP), secretário regional Sul II;

Carlos Magno Machado (MG), secretário regional Sudeste I;

Renato Artur Nascimento (RJ), secretário regional Sudeste II;

Onório Angelo da Rocha (GO), secretário regional Centro-Oeste;

Suplentes: Valdilei Castanha (RS); Hélio Antonio Candido (SP) e Sérgio Rocha Taboada (AC).

so avaliou a conjuntura da crise e o novo quadro político criado após as eleições de 1988, concluindo que, no momento, é fundamental defender "a formação de uma Frente Popular e Progressista que englobe os partidos populares de esquerda, os movimentos populares, estudantes, jovens, negros, mulheres e personalidades progressistas, com o objetivo de lançar uma candidatura das esquerdas para a sucessão presidencial".

Esta frente teria por plataforma básica os seguintes pontos: não-pagamento da dívida externa; realização de uma reforma agrária antilatifundiária; efetiva democratização da sociedade brasileira, com sua desmilitarização; política econômica voltada para o mercado interno, não recessiva e que contemple as reivindicações dos trabalhadores por reposição salarial e contra o arrocho; elaboração de planos setoriais de governo capazes de enfrentar e resolver os graves problemas de habitação, saúde, educação, transporte e proteção ambiental que o povo enfrenta.

Questão sindical

O primeiro item da resolução sindical do congresso estabelece o desligamento da CSC "de qualquer vínculo orgânico com a CGT (Central Geral dos Trabalhadores), que se transformou num antro de sindicalistas apelegados, defensores do patronato e do

governo. Essa ruptura definitiva coroa um rico processo de luta e debates, que se desenvolveu entre os sindicalistas classistas".

A corrente decidiu, por outro lado, "constituir-se como articulação nacional sindical que tem por objetivo maior propagandear, divulgar e defender no seio do movimento sindical e da sociedade as idéias e práticas do sindicalismo classista. Assim, a Corrente Sindical Classista surge não para disputar espaço com as centrais existentes, mas para criar uma corrente de opinião organizada e que no movimento sindical objetiva combater o reformismo; seja de direita ou de esquerda, e inserir o movimento na luta pela emancipação política e social da classe operária e demais trabalhadores assalariados brasileiros".

Foi aprovada, igualmente, a atuação da CSC dentro de uma frente única prioritária com a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e "juntamente com essa central e outros setores de luta do sindicalismo, buscar os caminhos que levem à unificação orgânica do movimento sindical brasileiro". Ao abordar a greve geral, o congresso conclamou à busca da ampla solidariedade dos partidos e entidades democráticas ao movimento, destacando seu caráter eminentemente político e propondo a realização de passeatas e manifestações nos dias 14 e 15.

Congresso politizado

Desde 1981, o movimento sindical não encontrava oportunidade para discutir com tanta intensidade os problemas fundamentais da luta dos trabalhadores, como ocorreu no I Congresso da Corrente Sindical Classista, conforme a opinião de Sérgio Barroso, eleito secretário geral da CSC. "A marca do congresso foi a politização", destacou.

"Ao invés das discussões rotineiras sobre as lutas do dia-a-dia, nas quais os trabalhadores estão metidos até o pescoço, o que se procurou neste encontro foi aprofundar o entendimento da perspectiva do movimento operário, sob a ótica sindical, diante da sociedade capitalista em crise", argumentou.

Por isto, segundo ele, desde a abertura "até a intervenção de encerramento",

a tônica do encontro foi a convicção de que o sindicalismo precisa ser politizado "no sentido da luta por uma nova sociedade, uma sociedade socialista. Está evidente para todos a agonia do capitalismo, um sistema que nada mais pode oferecer à humanidade. Os trabalhadores têm uma resposta, uma saída para esta situação de decadência, a luta pelo socialismo".

Barroso comenta que, em virtude da discussão profunda desse tipo de tema, "parecia que uma coisa muito nova surgia para os delegados ao congresso. Um entusiasmo muito grande, aliado ao espírito de defesa da unidade do movimento sindical, tomou conta de todos os que participaram deste I Congresso da Corrente Sindical Classista".

Presença da Mulher

As mulheres tiveram uma participação destacada no congresso da CSC e acabaram conquistando um posto na secretaria do corrente, a secretaria da mulher trabalhadora, ocupada por Elza Maria Campos, do Paraná.

"A participação numerosa e aguerrida das mulheres no encontro é uma esperança para a luta dos trabalhadores", frisou Maria José, presidente da Associação dos Professores da Bahia.

"Afinal", comenta, "as mulheres constituem metade da população do Brasil, são um segmento de significativa intervenção na reprodução de idéias, devido às funções que em geral exercem na sociedade". Ralcilene Frota, dirigente da Associação dos Professores do Amazonas, também nota que "a participação política e sindical das

mulheres brasileiras na sociedade é a cada dia maior".

Conforme Ralcilene, "a luta das mulheres pela igualdade de condições de salários, emprego e bom relacionamento familiar é fundamental para o avanço social. Sem a participação da mulher trabalhadora, a emancipação dos assalariados é muito difícil, senão impossível", concluiu.

A juventude também teve uma presença decidida no congresso. "Há aqui uma bancada razoável de jovens", comentou o presidente do Sindicato de Servidores Públicos de Chapecó e Região Oeste de Santa Catarina, Cláudio Antonio Vignatte. Membro da UJS, ele diz que a transformação progressista da nação brasileira "é um grande sonho da juventude. Jovens conscientes de que a participação do jovem trabalhador na vida política e sindical é essencial para viabilizar as mudanças que todos reclamam".